



EDUCAÇÃO: UM PROJETO FALIDO?

Marcio Bernardino Sirino
Doutor em Educação (ProPEd-UERJ)
Pedagogo da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU)
marcio.bsirino@educador.edu.es.gov.br

Resumo: Este ensaio, a partir de referenciais teórico-analíticos pós-estruturais e pós-fundacionais, traz uma reflexão sobre a ideia de Educação enquanto um projeto falido. Com base na *Teoria do Discurso*, de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, em articulação com os *Estudos Críticos de Fantasia*, organizados por Jason Glynos e David Howarth, discute-se a falência dos projetos educacionais pela projeção fantasiosa de supostos 'melhorismos' em seus discursos políticos. Sem abrir mão de novos sentidos para o fenômeno educacional, acredita-se que as questões apresentadas aqui entram na disputa por outras formas de significar os projetos de educação e de se produzir, propriamente, a Educação.

Palavras-Chave: Educação. Fantasia. Lógica do Melhorismo.

Educação é um projeto falido. O que conseguimos, por meio da Educação, além de tentativas, projeções, expectativas e fantasias?

As grandes narrativas da Modernidade (BAUMAN, 2001) – que nos foram impostas sócio-historicamente (COELHO, 2009), trazendo uma fé irracional de que a Educação teria condições de nos libertar, transformar e emancipar (CALIMAN, 2010) – faliram. Elas não possuem nenhuma estrutura fixa e, nem mesmo, fundamentos à priori (LOPES, 2013) que consigam explicar o funcionamento do social (LACLAU; MOUFFE, 2015a) de maneira definitiva e, ainda, atribuir-lhe respostas significadas como verdade ao caos em que vivemos e do qual produzimos a cada dia (DERRIDA, 2001).

Entender a falência da Educação não quer dizer que iremos abrir mão de nossos projetos de sociedade (COELHO; SIRINO, 2018) e nem que transformaremos nosso viver numa suposta anarquia – onde o relativismo se impõe e que o tudo/nada é, igualmente, possível (PEREIRA, 2019).

Ainda construímos nossos ideais. Ainda projetamos nossos sonhos. Ainda acreditamos no que estamos significando, todos os dias, como Educação (PEREIRA; SIRINO, 2002). Mas, mesmo *esperançando* dias melhores (FREIRE, 1996), sociedades melhores, mundos melhores, não podemos ser ingênuos. Estes 'melhorismos' (SIRINO, 2022) são fantasias (GLYNOS; STAVRAKAKIS, 2008) entendidas, aqui, como desejos (NASIO, 2007).

Desejamos educar, ensinar, curricularizar, adestrar, performatizar, direcionar e tantos outros verbos que denotam possibilidades de mudança (ou não) na trajetória de/trans/formativa de uma outra pessoa (LOPES; LOPÉZ, 2010). Novamente, acionamos projeções nossas sobre o que consideramos como certo e/ou errado e colocamos em prática decisões tomadas em terrenos de incertezas – do indecidível (DERRIDA, 2001).

Defendemos projetos dos quais não temos nenhuma segurança (LACLAU, 2011) de que darão certo. E, ainda, nos frustramos pelo fato de que, em articulação com o eterno *diferir* (DERRIDA, 2001), eles sucumbem a demandas outras e nos exigem novos processos, novas negociações, novas projeções. Novas fantasias?

Este movimento se dá pela busca que temos de organizar a possibilidade de vida social (LACLAU; MOUFFE, 2015). Somos fruto de barbáries. Somos parte de uma invenção social que não deu certo. Somos produtores de caos e de destruição social (LÖWY, 1995).

Mas, nós mesmos entendemos que, para viver socialmente, precisamos em meio a esse 'caos' de um conjunto de códigos valorativos (BRASIL, 2007) que nos façam parar e conter nossos impulsos – do contrário, faríamos um processo de extermínio do Outro e acabaríamos, enquanto sociedade, com a alteridade que em nós habita (LEVINAS, 2014).

No entanto, estes códigos são revolvidos a todo tempo. Dialogamos com o diferente e tentamos encontrar um caminho mais hibridizado (LOPES, 2015) no próprio exercício da caminhada. Uma trajetória que nos faz perceber que tudo isso é discurso (LACLAU; MOUFFE, 2015b) que produzimos, acionamos e articulamos para que os projetos de sociedade – em disputa – permaneçam, resistam e que a narrativa fantasmática (GLYNOS; HOWARTH, 2018), que a eles atribuímos, nos faça *esperançar* dias melhores.

No entanto: Melhores para quem? Para todos, igualmente? A partir de qual lógica? Com base em qual pressuposto podemos significar algo como sendo de 'melhor'? Neste contexto, o que será entendido como 'pior'? Contra qual inimigo em comum nos uniremos discursivamente (LACLAU, 2013) e vociferaremos nossos projetos educacionais falidos?



Momento, quando, ponho-me a pensar... O processo educacional – em tempo integral ou mesmo parcial – dará conta de modificar, ou de reiterar, essa lógica (a do melhorismo) e de contribuir para a construção de uma sociedade mais vivível?

Na certeza da (im)possibilidade (PEREIRA; SIRINO, 2020) que jaz nesta questão, encerro minhas divagações, mas sigo, ainda, acreditando na importância de disputarmos novos sentidos para o que significamos como Educação, ainda que, desde o início seja um projeto falido.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. 2ª tiragem, atualizada. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Presidência da República. Ministério da Educação. Ministério da Justiça. UNESCO, 2007.

CALIMAN, Geraldo. Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador. **Revista de Ciências da Educação**, Americana, ano XII, n. 23, p. 341-368, 2º semestre/2010.

COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa. História(s) da educação integral. Brasília: **Em Aberto**, v. 22, n. 80, p. 83-96, abr. 2009. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2420>. Acesso em: 17 ago. 2021.

COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa; SIRINO, Marcio Bernardino. Concepções de Educação Integral, gestão do tempo integral e projeto(s) de sociedade: um debate (mais do que) atual. In: FERREIRA, Antônio Gomes; BERNADO, Elisângela da Silva; MENEZES, Janaína Specht da Silva (Orgs.). **Políticas e gestão em educação em tempo integral**. Curitiba: CRV, 2018. p. 137-161.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GLYNOS, Jason; HOWARTH, David. Explicação crítica em Ciências Sociais: a abordagem das lógicas. In: LOPES, Alice Casimiro; OLIVEIRA, Anna Luiza A. R. Martins; OLIVEIRA, Gustavo Gilson Souza de (Orgs.). **A teoria do discurso na pesquisa em educação**. Recife: Ed. UFPE, 2018. p. 53-103.

GLYNOS, Jason; STAVRAKAKIS, Yannis. Lacan and political subjectivity: fantasy and enjoyment in psychoanalysis and political theory. **Subjectivity**, v. 34, p. 256-274,



2008. Disponível em: <https://repository.globethics.net/handle/20.500.12424/3746294>. Acesso em: 17 ago. 2021.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e Diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015a. (Coleção Contrassensos).

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Pós-marxismo sem pedido de desculpas. In: LOPES, Alice Casimiro; MENDONÇA, Daniel de. **A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau**. Ensaios críticos e entrevistas. São Paulo: Annablume, 2015b. p. 35-72.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós – Ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

LOPES, Alice Casimiro. Por um currículo sem fundamentos. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 21, n. 45, p. 445-466, maio/ago. 2015.

LOPES, Alice Casimiro. Teorias pós-críticas, política e currículo. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 39, p. 7-23, 2013.

LOPES, Alice Casimiro; LÓPEZ, Silvia Braña. A performatividade nas políticas de currículo: o caso do ENEM. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 89-110, abr. 2010.

LÖWY, Michael. A barbárie moderna. **Em Tempo**, n. 282, junho, 1995.

NASIO, Juan-David. **A fantasia: o prazer de ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

PEREIRA, Talita Vidal. A pesquisa curricular na virada cultural conservadora: os limites da normatividade curricular. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 3, p. 910-922, set./dez. 2019.

PEREIRA, Talita Vidal; SIRINO, Marcio Bernardino. Sentidos articulados sobre o conceito de Educação Integral. **Revista e-Currículo**, v. 8, n. 1, p. 200-220, jan./mar. 2020.

SIRINO, Marcio Bernardino. **Processos de hegemonização do nome Educação Integral nas políticas federais de ampliação da jornada escolar no Brasil**. 2022. 205f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.